

Figura 14 – Seção transversal da casca de *Maytenus guyanensis*. Células secretoras esclerificadas com alcalóides (seta).

Atualmente a função natural de muitos metabólitos secundários tem sido reavaliada, reconhecendo-se que estes são, de fato, essenciais para a existência dos vegetais. Os alcalóides devido a seu amargor e toxicidade atuam como repelentes de herbívoros. Porém não se pode afirmar que as plantas produzam tais substâncias apenas para sua proteção, pois se esse fosse o caso, plantas que não produzissem alcalóides teriam sido extintas. Outras hipóteses têm sido levantadas para tentar explicar a produção desses metabólitos (Henriques, *et al.*, 2004).

Compostos como polissacarídeos, proteínas e alcalóides foram encontrados em *M. guyanensis*. Esses compostos são encontrados em células esclerificadas e são farmacologicamente ativos o que pode vir a justificar o uso terapêutico da espécie.

III. Aspectos etnofarmacológicos

1. Perfil do comércio e comerciantes de plantas medicinais

Diferentes culturas humanas vêm absorvendo uma variedade de conhecimento e costumes adquiridos de sua relação com o ambiente. O uso de produtos naturais é o caso mais representativo desta variedade de conhecimento que provém de povos tradicionais como índios e populações ribeirinhas (Pinto & Maduro, 2003). Na Amazônia as plantas medicinais

servem como umas das principais formas de cuidados com a saúde para a maioria da população, em parte por causa de uma preferência cultural e também por causa do alto custo dos produtos farmacêuticos (Shanley & Luz, 2003).

Como mencionado por Amorozo (2002) muitas sociedades tradicionais ou autóctones possuem uma vasta farmacopéia natural, em boa parte proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações, ou cultivados em ambientes antropicamente alterados.

Em Manaus esta farmacopéia é comercializada nas inúmeras feiras e mercados, podendo-se reconhecer que os povos tradicionais e vendedores oferecem muitas informações etnofarmacológicas sobre as espécies medicinais (Figuras 16 e 17).

A pesquisa realizada com 16 feirantes evidencia que as pessoas na cidade de Manaus procuram a cura utilizando plantas medicinais, através de chás, garrafadas, xarope entre outros.

A média da faixa etária dos comerciantes das feiras e mercados corresponde a 45 anos, tendo uma variação entre 22 a 65 anos. Conforme a Tabela 1 e Figura 15, a faixa etária dos informantes que apresentou maior representatividade abrange de 56 a 61 anos, com 4 informantes (25%). A faixa etária com menor frequência corresponde também a três categorias, 32 a 37 anos, 44 a 49 e 50 a 55 anos, tendo 1 informante cada categoria (6%).

Do total das 16 entrevistas, 56% ocorreram entre o sexo feminino (9) e 44% ocorreram entre o sexo masculino (7), não havendo grande diferença entre os sexos. (Tabela 1 e Figura 18).

Tabela 1 – Faixa etária e sexo dos feirantes.

<i>Faixa etária</i>	<i>Sexo fem</i>	<i>Sexo masc</i>	<i>F</i>	<i>f</i>
20-25	2	0	2	13%
26-31	1	1	2	13%
32-37	0	1	1	6%
38-43	3	0	3	19%
44-49	1	0	1	6%
50-55	0	1	1	6%
56-61	2	2	4	25%
62-67	0	2	2	13%
Total	9	7	16	100%

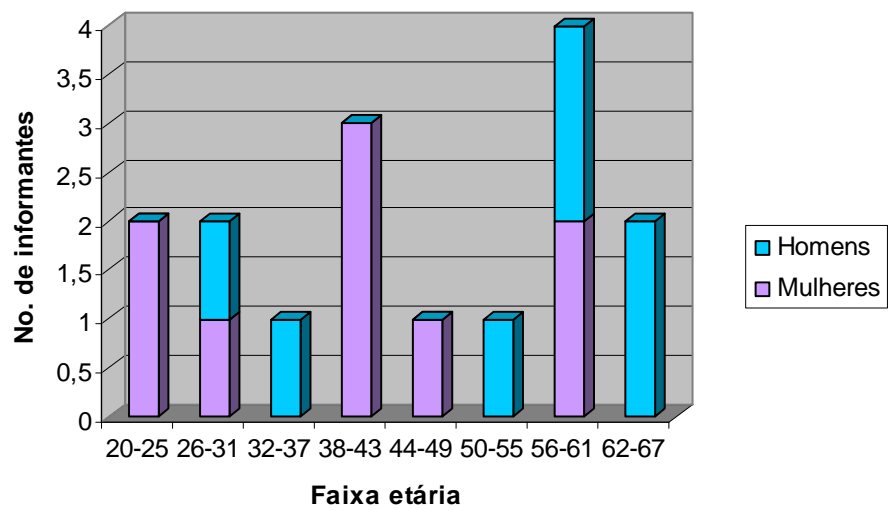


Figura 15 – Faixa etária e sexo dos feirantes.



Figura 16– Comerciante de plantas medicinais, próximo ao Mercado Adolpho Lisboa.



Figura 17– Comerciante de plantas medicinais, no Mercado Adolpho Lisboa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A Tabela 2 e Figura 18 evidenciam que 56% dos entrevistados trabalham nas feiras há 11 a 20 anos, enquanto que 6% trabalham há menos de um ano e 6% há 31 a 40 anos. Estes dados comprovam a importância das feiras e mercados de Manaus porque mostra que estas feiras existem há mais de 11 anos. E mesmo que 6% seja a menor taxa encontrada, ela representa que pelo menos uma pessoa e uma das feiras de Manaus existe há mais de 31 anos.

Tabela 2 – Tempo que os feirantes trabalham nas feiras.

<i>Tempo (anos)</i>	<i>F</i>	<i>f</i>
<1	1	6%
1 – 10	3	19%
11 – 20	9	56%
21 – 30	2	13%
31 – 40	1	6%
Total	16	100%

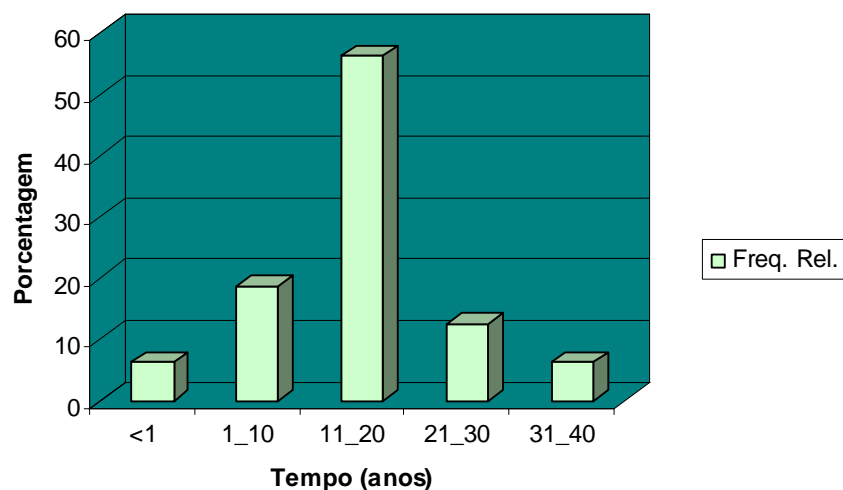


Figura 18 – Tempo que os feirantes trabalham nas feiras

A Tabela 3 e Figura 19 mostram que o tempo que os feirantes trabalham nas feiras com plantas medicinais varia entre menos de 1 ano a 40 anos. Apesar desta grande variação, 56% das pessoas trabalham com plantas medicinais nas feiras durante um tempo que varia entre 1 a 10 anos. Assim, de acordo com esses dados a comercialização de plantas medicinais cresceu há 10 anos, e continua crescendo no último ano já que aproximadamente 20% dos feirantes trabalham com plantas medicinais há menos de 1 ano.

Embora 20% dos feirantes comercializem plantas medicinais há menos de 1 ano, pode-se concluir que a população de Manaus utiliza esse recurso vegetal como forma terapêutica há mais tempo. Os informantes indicaram que decidiram trabalhar com plantas medicinais por causa da grande procura por essa forma alternativa de medicina. Fato também evidenciado pela maioria dos feirantes que trabalham há mais tempo no local, cerca de 11 a 20 anos, comercializando outros materiais, enquanto trabalham com plantas medicinais há 1 a 10 anos, conforme as Tabelas 2 e 3 e Figuras 18 e 19.

Tabela 3 – Tempo que os feirantes trabalham nas feiras com plantas medicinais.

<i>Tempo que vendem plantas medicinais (anos)</i>	<i>F</i>	<i>f</i>
<1	3	19%
1 – 10	9	56%
11 – 20	2	13%
21 – 30	1	6%
31 – 40	1	6%
Total	16	100%

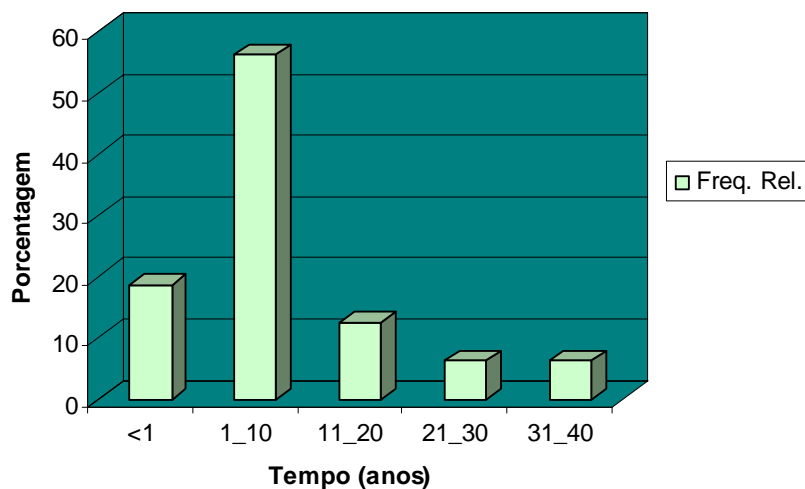


Figura 19 – Tempo que os feirantes trabalham com plantas medicinais.

À medida que o conhecimento tradicional se difunde e sofre interferência quando exposto a sociedade ocidental, cria-se uma nova visão de que estes conhecimentos podem então ser utilizados de forma lucrativa ou capitalista. No presente trabalho observa-se esta difusão através dos dados que apontam que os feirantes que trabalham há menos de 1 ano com plantas medicinais escolheram este ramo em virtude da grande demanda por estes produtos, e não a partir de um conhecimento que é passado de geração a geração.

Dos entrevistados, 31% adquiriram o conhecimento com plantas medicinais através de parentes próximos, principalmente pais e avós. Para Amorozo (1996) em sociedades tradicionais, a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado. O conhecimento é transmitido em situações, o que faz que a transmissão entre gerações requeira contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos. Ocorrera um acúmulo de conhecimento à medida que os anos passam, de forma que os mais velhos tendem saber mais sobre assuntos de interesse vital para a comunidade e são considerados pelo seu saber.

Os demais (69%) comercializam plantas medicinais sem reter o conhecimento e lêem no “rótulo” quando os usuários querem uma determinada espécie, não conhecendo o uso de cada uma das plantas. Contudo, alguns comerciantes têm um conhecimento embasado em fontes externas à cultura local, que pode ser adquirida através de livros e cursos. Amorozo (1996) alega que situações deste tipo proporcionam boa oportunidade para se estudar a difusão e a fixação de um novo conhecimento na comunidade.

Em um trabalho realizado no Estado de Roraima em feiras livres e bancas de rua, Pinto & Maduro (2003) concluíram que a cada dia mais pessoas estão adentrando neste ramo de comercialização levando a um sério questionamento sobre a saúde humana e os cuidados na oferta destes produtos de ordem popular, devido a algumas propriedades químicas ainda pouco conhecidas dos mesmos. Embora se tratando de produtos naturais, os ditos “remédios do mato” também necessitam ser analisados cientificamente para ser corretamente utilizado. Os produtos medicinais de origem popular podem se tornar uma alternativa ao desenvolvimento sustentado se conduzido de forma responsável e beneficiando, principalmente, as populações tradicionais que detêm a maior parte do conhecimento adquirido.

Para Elisabetsky (2003) a perda da biodiversidade e o acelerado processo de mudança cultural acrescentam um senso de urgência no registro desse saber tradicional. E ainda afirma que “o Brasil não é apenas rico em diversidade de recursos genéticos; é um país rico em culturas, em gentes diferentes que tiveram e têm que tirar a vida com a mão. Ao fazer isso, manejam seu meio ambiente, conhecendo-o em detalhes e no todo de suas conexões e inter-relações”. Então o respeito a essas relações e conhecimentos do homem com o meio que o cerca é fundamental para a manutenção cultural dos povos tradicionais.

A Tabela 4 e a Figura 20 apontam as plantas medicinais mais vendidas nas feiras e mercados de Manaus, sendo que a unha-de-gato (*Echinocloa colonum* (L.) Link.), utilizada para inflamações uterinas, miomas e outros “males femininos” é planta citada mais vezes (32%) pelos feirantes e segundo eles, a mais procuradas pelos usuários. Em segundo está a uixi-amarelo (26%), procurada pelos mesmos usos que a unha-de-gato, e para outras inflamações.

Tabela 4 – Plantas medicinais mais vendidas pelos feirantes.

<i>Plantas medicinais vendidas</i>	<i>F</i>	<i>f</i>
carapanaúba (<i>Aspidosperma carapanauba</i> Pichon.)	6	18%
uixi-amarelo (<i>Endopleura uchi</i> Cuatrec)	9	26%
unha-de-gato (<i>Echinocloa colonum</i> (L.) Link.)	11	32%
sara-tudo (<i>Justicia</i> sp. L.)	6	18%
cipó-tuíra (<i>Calycobolus ferrugineus</i> (Choisy)House)	2	13%
Total	34	100

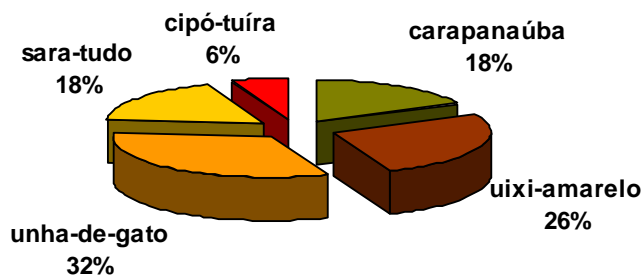


Figura 20– Plantas medicinais mais vendidas pelos feirantes.

A Figura 21 informa que a maioria dos feirantes não sabe a origem dos seus produtos que são comercializados (62%), isso ocorre porque eles compram os produtos de terceiros.

Conforme os feirantes, as pessoas não reclamam dos preços e nenhum informante declarou haver problemas com produtos falsificados ou existir qualquer variação dos produtos comercializados.

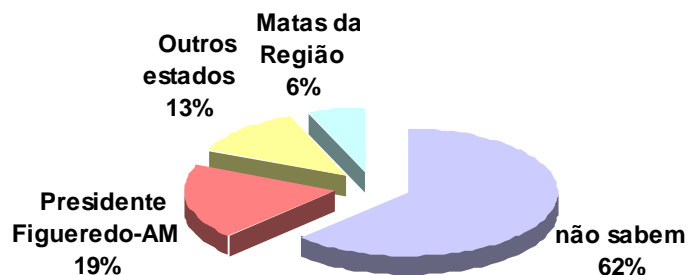


Figura 21 – Origem dos produtos comercializados.

Plantas medicinais como a Copafba, Cumaru e Cabacinha foram os únicos produtos citados como aqueles que não existem mais ou que são difíceis de serem encontrados, não sabendo em geral os feirantes a razão disto ter acontecido.

Das observações feitas, as mulheres usam mais plantas medicinais que os homens (Figura 22). Este fato pode estar expressado pela planta mais vendida pelos feirantes (Figura 20), utilizada para “males femininos”.

Para Amorozo (1996) existem parâmetros que podem separar plantas medicinais e seus usos através dos usuários e dentro deste parâmetro há diferentes domínios cognitivos a serem ocupados por um sexo ou outro. Assim, por exemplo, o conhecimento sobre remédios destinados a tratar problemas específicos do sexo feminino, ou de crianças, tenderá a ser mais profundo entre as mulheres do grupo.

De acordo com os feirantes, os usuários que procuram mais plantas medicinais são os de faixa etária menor que 40 anos (Figura 23). No entanto 13% afirmam não ter variação entre idade dos usuários.

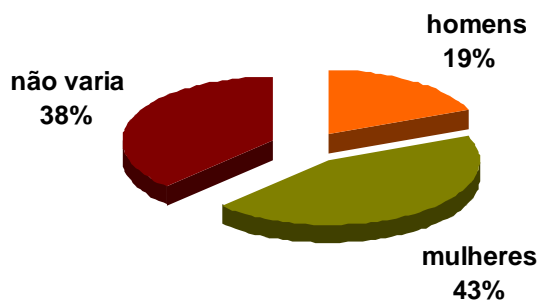


Figura 22 – Perfil dos usuários de plantas medicinais.

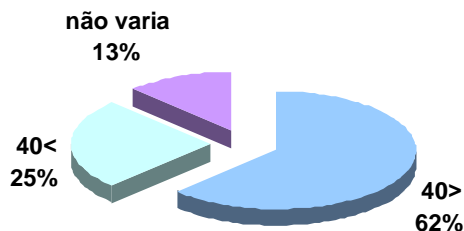


Figura 23– Faixa etária dos usuários de plantas medicinais segundo os feirantes.